

COLORED FUTUROSA

16.17.18 MAIO

2025

LISBOA

PORTO

AMIENS

ENTRETANTO, PASSEIO

Nicolas Jaillet

com Jordan, Nico, Louis, Rahina, Malka, Jopheth, Clément, Béni, Mory

tradução de Mariana Vieira

ilustração
Tonton Ringo

Não é fácil atravessar
Ruas, rios
O mar

Não é fácil
Deixar tudo
O teu pai, a tua mãe
Tudo o que conheces

Não é fácil chegar
Construir-se
Descobrir-se
Quando se está só

Não é fácil
Ser-se alvo
Estrangeiro

Não é fácil falarmos
Sem nos pormos aos gritos
Com os amigos
Ainda que saibamos
Que nos amamos
E que estamos todos
Do mesmo lado

No país
Aonde cheguei
Os da minha idade
São bebés
Eu cá tenho cem anos
Mas ainda gosto de jogar
No quatro-em-linha, não me apanhas
Traço um risco que não pára

Aqui sinto-me protegido
E vou até ao fim
Ao fim do quê? Não sei
Mas vou

Entretanto, passeio...



A INTERNET DAS IMAGENS E AS IMAGENS DA INTERNET

Alex Couto

com Bárbara, David, Gabriel, Sushant, Catarina, Luciana e Amy

Escola Profissional Gustave Eiffel

ilustração
Nadine Rodrigues

As imagens estão em todo o lado. Como é que querem que nós vamos ler se por todo o lado estão estas imagens interessantes? É isso que queremos encarar em vez de continuarmos a ler frases chatas que se multiplicam pela página fora através dos seus infinitos sentidos — e sem qualquer tipo de respeito pelos nossos cérebros necessitados de imagens?

É como se não soubéssemos o quanto temos para aprender quando em vez de ficar na internet, todos nós decidissemos ler. É como se a sensação de ir além daquilo que nos dão nos mostrasse que temos um super-poder de investigação?

O que nós curtimos é do conteúdo curto, de mergulhar num assunto sem ter de o tornar profundo. As imagens ajudam a ilustrar, mas a verdade é que é através da leitura que nós desafiamos aquilo que conhecemos. Para descobrir que não são só as imagens a mostrar, por muito que tenham a intenção de simplificar.

A literatura e as suas grandes questões do mundo parecem sempre algo monótonas quando comparadas com a realidade em que nós vivemos, de ver um reel, ver um TikTok, ver uma brincadeira, uma partida, uma coreografia. Quando comparamos a centena de páginas de um livro pequeno com a dezena de segundos de um vídeo no TikTok, percebemos de imediato de onde vem a discrepância de profundidade.

Por muito que digamos que a internet e as suas imagens é que nos interessa, podemos estar a ser vítimas da administração cirúrgica de dopamina, que se tornou tão habitual que deixou de ser algo que realmente notamos. É só mais uma dose de interesse digital, que mesmo quem lê diz sentir enquanto está a tentar virar a página, mas o cérebro quer sobretudo a injeção desta dopamina, dada pela internet inteira.

Só que também é a internet que tem o poder de dar vida aos livros, quando mergulha dentro dos mergulhos e decide admitir que a profundidade do que se passa lá é muito melhor do que se passa em qualquer outro lugar qualquer. A internet tem espaço para muita coisa, mas ter espaço para tanta recomendação de livro foi uma grande surpresa.

Locais como o BookTok podem mostrar-nos que mesmo sem imagens, os livros oferecem-nos algo incomparável — um pouco da própria vida.

Pequena canção sobre imagens na internet

As imagens da internet. Na internet, imagens?
Nas páginas existem tantas mensagens.
Mas os livros não se veem, são miragens.

Na internet, há imagens. Nas imagens, internet?
Quando vejo, onde é que o tempo se mete?
Ler é quase sempre um grande frete.

Nas imagens, da internet. Imagens sem paragens.
É bom que os nossos livros tenham imagens.
Se não, vão estar em grandes desvantagens.

Na internet, há imagens. Nos livros, não há graça.
A internet tem muita música e tanto som.
No livro é que nada se passa.

Na internet, imagens. As imagens da internet?
O que é que eu vou fazer concentrado?
Se posso ver imagens até na retrete?



NOVOS NO MUNDO

José Mário Silva

com Lucas (7 anos), Matilde (8 anos), Benjamim (7 anos), Francisco (8 anos), António (7 anos),
Artur (8 anos), Joaquim (8 anos), Clara (7 anos) e Alexandre (7 anos)

Escola do Castelo

ilustração
Maria Quintas

*Eles estão todos aqui e são nove miúdos
novos, tão novos, nos caminhos do mundo*

A parede exhibe os cinco continentes,
o planeta espalmado, e um macaco
no Brasil, quase a carregar no botão.
Será que vai acender o nosso futuro?
O que vem lá não sabem, mas falam
do que mete medo: poluição, desastres,
guerras, cães à noite, o ódio, as brigas,
o Trump que é mau, os racistas todos,
as ditaduras. E essa tristeza enorme de
nem toda a gente ter o que nós temos.

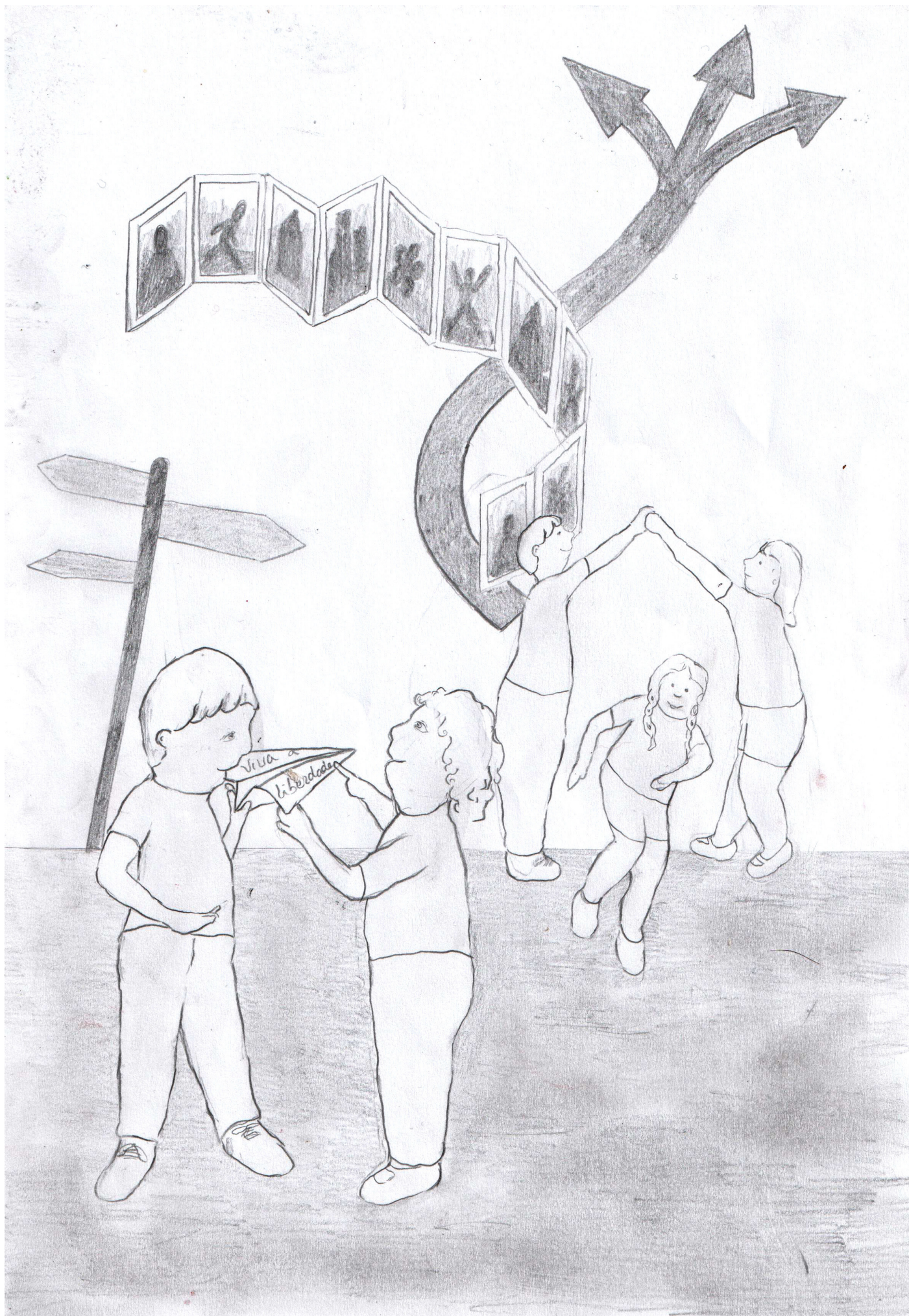
*Eles estão todos aqui e são nove miúdos
novos, tão novos, nos caminhos do mundo*

Estranho isto de os fazer olhar para lá
do horizonte do agora, do hoje, moldar
o tempo como plasticina, um dia eu
vou ser: psicóloga-advogada, biólogo
capaz de descobrir quantos animais há
no planeta inteiro, cientista-inventor
de carros que usam painéis solares
e água em vez de gasolina, segurança,
cozinheiro bom, dentista de crianças,
criador de labirintos para videojogos.

*Eles estão todos aqui e são nove miúdos
novos, tão novos, nos caminhos do mundo*

Pelo menos uma palavra de cada um aqui,
nove marcas deixadas no verso da página,
prometi-lhes isso, só isso, e agora cumpro:
viagem, família, fantasmas, natureza, vida,
vampiros, lobisomem, fogo, tsunami. E de
repente só querem brincar, fazer desenhos,
montar pistas de berlinde, a sala um caos,
voam aviões de papel como os que eu fazia
aos sete, oito anos, um cai-me no colo, traz
escrito de lado – juro – VIVA A LIBERDADE.

*Eles estão todos aqui e são nove miúdos
novos, tão novos, nos caminhos do mundo*



A CASA ONDE SE VOLTA A NASCER

Judite Canha Fernandes

com Juan Ramirez, Xiang Ying Li, Mohamad Faraz, Mavis Machoka, Meng Lui

Conselho Português para os Refugiados

ilustração
Catarina Sobral

O coração do Juan falhou. Lá veio o impulso elétrico, o músculo tossiu, cuspiu, voltou a funcionar, e os militares das FARC continuaram a cortar o braço do homem à sua frente. Às sete da tarde, quando a FARC lhe entrou em casa, não sabia que saía em direção a um homem desmembrado, a uma fuga subindo e descendo a montanha, a uma noite tão longa que ainda o assombra. A ele, à mulher, às filhas. O coração de Juan precisa de uma máquina para não deixar de bater, para juntar-se à outra filha que ainda não chegou aqui, para sentir lágrimas de alegria, para partilhar. O Juan gosta muito de partilhar. A 20 de março, quando chegaram a Lisboa, ele voltou a nascer.

Não sabia que pessoas vinham a Portugal para voltar a nascer. E vocês, sabiam?

Xiang Ying Li não pôde abraçar a mãe. Nem pôde abraçar o pai. Como só havia dinheiro para uma pessoa conseguir sair da China, foi ela quem saiu. Fugiu para poder rezar ao Deus em que acreditava. Xiang Li é da idade da minha filha, mas chamou-me irmã. Ela disse-me: «Sister, eu sei que tu vais começar a escrever quando voltares a casa. Talvez não tenha expressado bem a minha experiência, por isso envio-te ligações para conheceres as provas de como somos perseguidos pelo Partido Comunista Chinês. Podes tirar algum tempo e lê-los?» Sim, Xiang Li, eu li, Xiang. Li, aprendi, vi o teu sorriso irresistível.

Não sabia que pessoas vinham para Portugal para rezar sem baixar a voz. E vocês, sabiam?

Mohamad sempre achou que estudar era muito importante e muito difícil. Acordava, andava cinco quilómetros a pé para chegar à escola, às vezes chovia. Achou que o conhecimento era uma questão de distância e de chuva e dispôs-se a andar muito. Estudava de dia, trabalhava de noite. Trabalhava de noite, estudava de dia. Até que os pais disseram que tinha de casar. Casou, não se apaixonou, separou. Ao separar, ganhou assédio, inimigos, teve de deixar a sua cidade. Na fuga, apaixonou-se por uma rapariga. Mohamad nasceu de novo quando casou pela segunda vez. Nasceu ele e nasceram os dois filhos. Os mesmos inimigos perseguiram-no ainda mais por esse segundo casamento. Decidiu sair do Paquistão.

Não sabia que pessoas vinham para Portugal para amarem em paz. E vocês, sabiam?

Mavis Machoka era espancada pelo companheiro. Às vezes, torturada. Deixou-o e juntou-se a um grupo de ativistas. Juntou-se a mulheres de todas as idades e percorreu as ruas do Quênia de megafone na mão, para dar nome às coisas que têm de ser ditas. As coisas que a polícia não quer que se saibam, as coisas que causam ameaças e chantagens e olhar sobre o ombro a cada minuto. As coisas que a levaram a encontrar a amiga caída, morta, na rua. As coisas que ainda fazem os seus lábios tremerem mal as começa a contar. A Mavis disse-me: Ninguém devia sentir uma faca atravessar uma parte do corpo, não achas? E vocês, o que acham?

Não sabia que pessoas vinham para Portugal para deixar de ter pesadelos. E vocês, sabiam?

Quando tinha 17 anos, os irmãos e irmãs de Meng Liu foram presos um por um. A sua melhor amiga também. Quando saíram da prisão não estavam bem, mas não se atreveram a ir ao Hospital. Tinham medo de serem perseguidos pelo partido. Ela e a mãe começaram a vaguear. Tentaram tornar-se invisíveis, mas não conseguiram. Perceberam que podiam ser as próximas a ser presas. Como a mãe já estava a ser monitorizada, Meng Liu decidiu deixar a China sozinha. A Meng Liu tem um gato com pelo laranja na foto do Whatsapp. Não sei se foi por lá que a mãe lhe escreveu... Isso pode ser um grande risco. Ela disse-me: «Gosto de ti.» Eu também, respondi.

Não sabia que raparigas de 18 anos atravessavam continentes sozinhas para deixar de ter medo todos os dias. E vocês, sabiam?

Sabiam que refúgio é o nome de uma casa onde se volta a nascer? Tão belo, imaginar que Portugal pode ser uma casa onde alguém volta a nascer...



1, 2, 3, SALVA TUDO!

Miguel Cardoso
com Rodrigo, Kevin, Patrick, Duarte

Associação de Residentes do Alto do Lumiar

ilustração
Matilde Feitor

HGP

A Musgueira
veio do vale de Alcântara
depois veio abaixo, ficou a Alta
Nós fomos corridos do Lumiar
Viemos morar com a minha avó
Ela veio de Cabo Verde
Fala muito de lá
Quando se lembra rosna retorce a língua
como se chupasse um rebuçado amargo
que sei lá. Não sei
Não percebo nada do que ela diz
Sou daqui

OUTRORA

Emparedaram a garagem onde havia festas.
Sei porque mo contaram. Não é do meu tempo.
Quero dizer, a parede sim. Está ali.

TA TXEGÁ NA ZONA

O meu bairro tem tudo.
Talho, café, campo de jogos.
Grelhadores lá atrás para juntar
gente onde as ervas crescem e
se deitam mansos os agarrados.
Cantos para namorar, peixe e fruta.
Há esquinas onde te podes encostar
se não houver onde ir para toda a vida.

Dá para mergulhar no lago, tocar o musgo
do fundo.
Podes mandar vir pizza de nutella
e marshmallows.

Sair para quê.

De hora a hora passa a polícia.
Encolhemos os ombros.
Temos as nossas rondas.

TRÊS RUAS AO LADO

Népia. Não sou daqui.

INFERNO

Bshhbshbshh, bshhbshbshh
O inferno chega aos domingos pelas 6
quando ao longe começa a ouvir

a setôra dizer que está farta de nos ouvir
bichanar Bshhbshbshh, shhbshbshh:
- CALEM-SE!

No inferno estamos calados
Aleluia, a olhar para o quadro

Lembra-me um cão que tive.
Trancado na casa de banho
a arranhar a porta o tempo todo.

CONTAS DE DIVIDIR

Mãe aqui, pai lá.
A lápis uns dias, a caneta outros.
O PC é todo para mim
se o meu irmão não está.

TOCA E FOGE

O meu coelho morreu-me nas mãos.
Mordi o meu pai e ele desapareceu.

BICA BIDON

Se jogamos de noite, dura horas.
Confundimo-nos com os prédios.
Imagina se a noite não acabasse.
Toda a gente se salvava?

UPAR

E aqueles fios de LED
a toda a volta da vida?
Nós a *farmar* em paz.
Ui, era passar de nível.

VOLLEY

Ou aqui para sempre os dois a dar toques nunca
havia de cair.

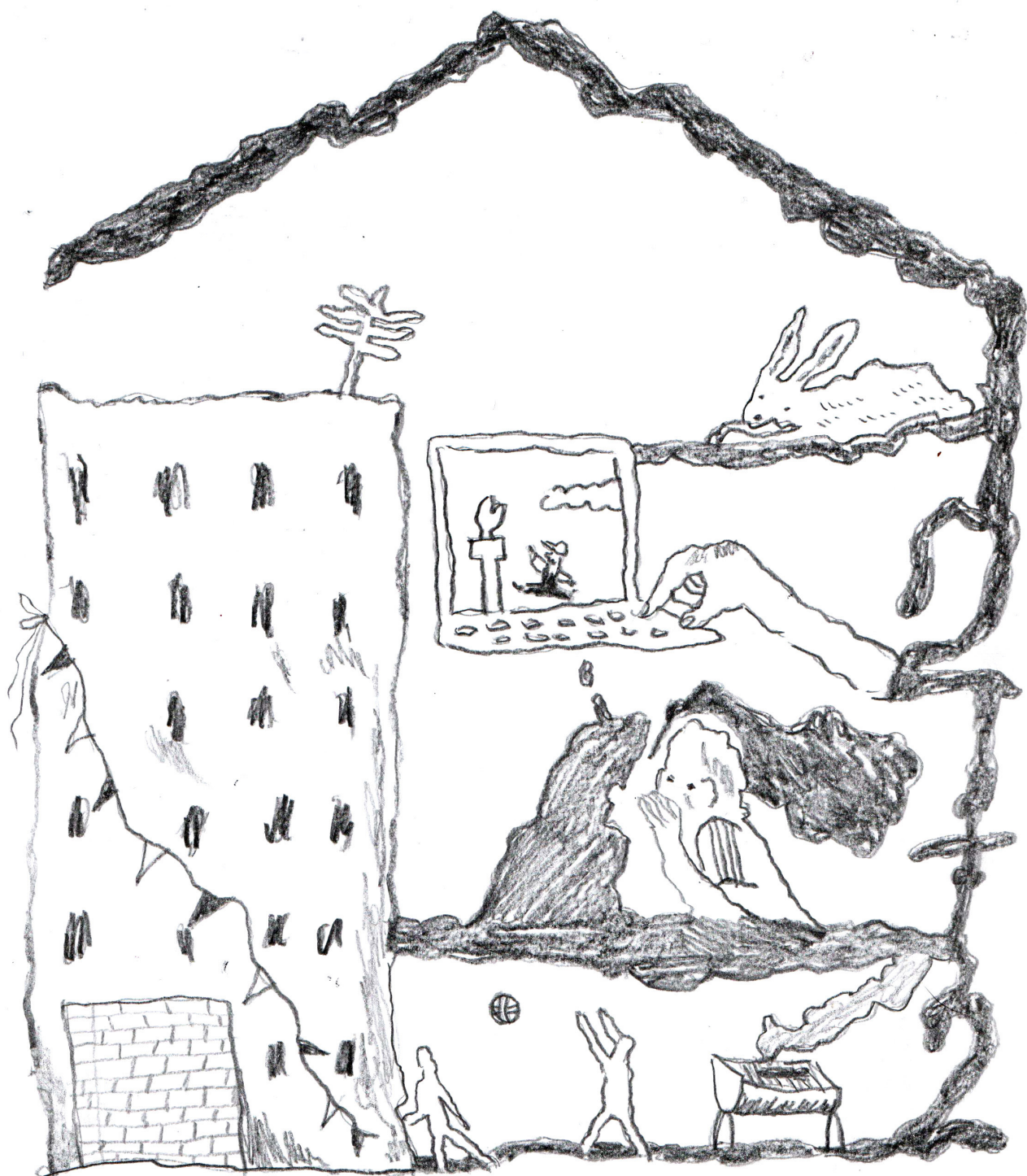
AFK (AWAY FROM KEYBOARD)

Se a China fosse a capital do Japão
ainda parava lá a caminho de Paris.

EPÍLOGO

1, 2, 3, tchau. Rebenta a bolha.

Se me deres net, vou a tua casa.



A LINHA DO HORIZONTE, UMA ESPARGATA

Nuno Milagre

com Deise Ramos, Abhijat Singh, Edson Januário, Naman Kumar, Mariama Farma

Associação de Moradores do Bairro Horizonte

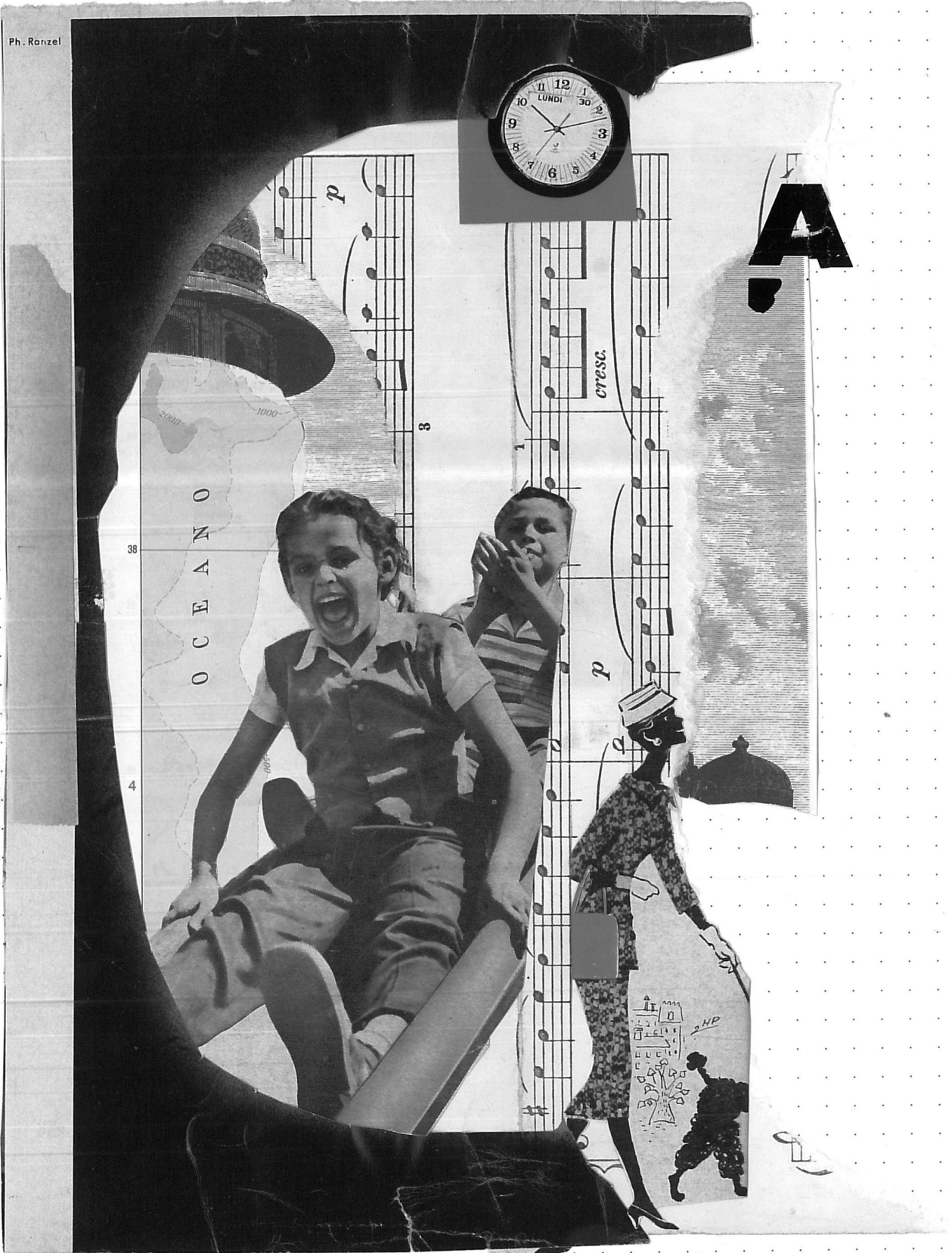
ilustração
Graça Santos

Tinha uma barriga tão grande, tão grande, tão grande, que não cabia em casa. Lá dentro, cabia quase tudo e mesmo talvez até o mundo ou parte dele. Ali se encontravam coisas de todos os formatos e tamanhos: o horizontal Bairro Horizonte, a grande e vertical torre Burj Khalifa do Dubai e um elefante de chinelos com um relógio que flutua sobre o seu ombro como que por magia. Dada a posição do relógio flutuante, o elefante não consegue ver bem as horas e é um gato loiro que dá o sinal horário, baixinho. Dentro da barriga, que de tão grande até tem condições meteorológicas próprias, logo de manhã fazem-se sentir relâmpagos e trovões convincentes, e ao final do dia, lá muito ao fundo e muito ao final do dia, um golfinho combinado com um pequeno cão cor de pôr do sol, mergulha no oceano da barriga.

Possivelmente nos arredores desta incomensurável barrigona, numa escola-modelo inaugurada pela ministra com um carimbo de arco-íris, foram abolidas as contas de dividir e repartem-se gelados e Euromilhões por toda a gente. A escola está equipada com uma piscina e as correspondentes espreguiçadeiras com os correspondentes colchões azuis. Em amena cavaqueira, como é típico nestes lugares de ócio, encontrava-se Gandhi, Mandela, Simone Biles e Nininho Vaz Maia. Recordavam-se dos velhos tempos no bairro da Curraleira, que era ali mesmo, paredes-meias com o Bairro Horizonte. A boa vizinhança, a vida de bairro, a paz e a justiça conseguida a custo na Índia e na África do Sul. A independência da Índia e Paquistão em 1947, fim do Apartheid em 1993, a demolição da Curraleira em 2001 e o realojamento da sua população. Antes disso, a construção do Bairro Horizonte em 1976 após o incêndio que destruiu muitas barracas. Talvez nessa altura já lá estivesse o enorme gato que ainda se encontra ali junto às escadas que ligam a associação ao Horizonte, disse Nininho. Sim, disse Simone, e mergulhou.

Quando deixámos o parque de jogos, ficou um fantasma a exercitar-se enquanto dizia a tabuada do A. A vezes A: amar; A vezes B: abacate; A vezes C: acabou, A vezes D: adeus.

Ph. Ranzel



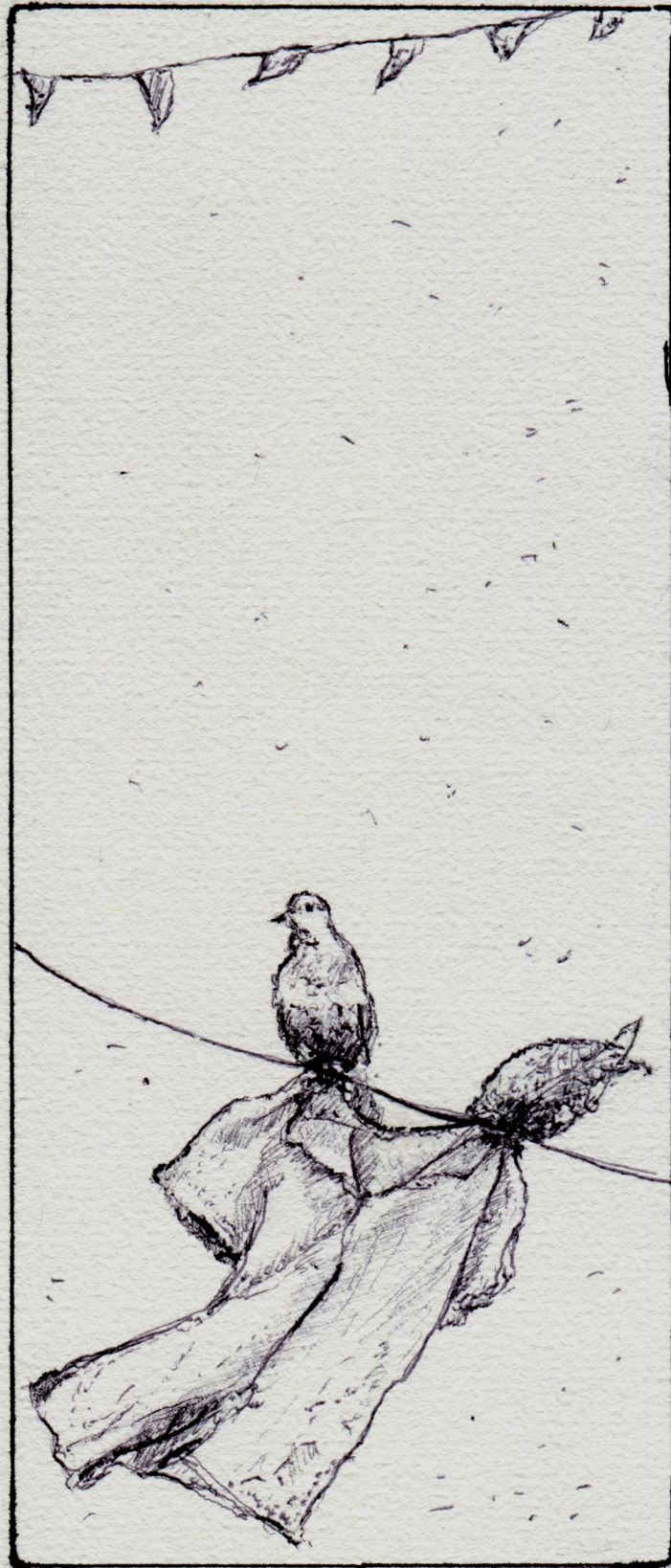
FEITAS AS CONTAS

Maria Leonor Figueiredo
com Ana Rita, Ari, Beatriz, Beatriz, Élsio, Lara, Leandro e Nara

Qualificar para Incluir

ilustração
Paulo João

eu não quero escrever..... hoje
eu não sei o que escrever..... agora
eu não sei escrever sobre o que não conheço
eu não vou escrever..... o que esperas que eu escreva
eu não quero escrever..... sobre o futuro que imaginas
não me interessa escrever..... sobre o que não me vive na cabeça
não me vão convencer..... a usar palavras gastas
não me vão impedir..... de inventar palavras novas
eu quero falar..... do que me pertence
eu quero inventar..... mundos onde governe
eu não quero escrever..... mas escrevo
eu posso escrever..... sobre tanto
a saber..... a minha casa
..... batatas fritas
..... mc cabelinho
..... o cheiro da madrugada
..... todos os bolos do mundo
..... GTA V
..... Ariana Grande
..... sardinhas no São João
Podes escolher



Daniela Duarte

com Elisabete Silva, Carla Brites, Libânia, Maria Alice, Rosa Maria Pinto, Paula Lobo, Nana, Mária, Xarinha, Flávia, Paula Cardoso, Nazarena, Andreia, Nelsa Dias, Paula Maia, Rosa Leite, Sara Monteiro, Zhang Shuqing, Mihaela e Delfina, Ana, Isabel e Jaime

Estabelecimento Prisional Feminino de Santa Cruz do Bispo

**ilustração
Miguel Carneiro**

Quando penso em escapar-me
no silêncio
e não há pássaros que o cantem
ou aviões que não o rasguem
ou eleições que o antecipem
ou pensamentos que desistam
de me trazerem os filhos ao coração

Abro os ouvidos à vida que corre
fora de portas
dentro de salas compostas
de quatro paredes em ricochete
que tecem teias sobre o assunto
como as veias ancestrais
de mulheres como eu
de mães como eu
filhas como eu
irmãs minhas
volumosas e contínuas
que perguntam
qual o sentido de fazer barulho
para falar do silêncio
essa coisa que só existe
na inexistência do ser-se

Mas para compensar
existem máquinas de chupa-chupas
puxadas a gasóleo
desde as cinco da manhã
como as locomotivas
que me confortam a solidão

Para contrariar
beijo os inimigos
para que lhes apareçam sapos
nos sonhos que tiverem
nas almas que venderam
ao diabo do poder

E para o ouvir canto
e me segurem as paredes
porque assim melhor me vou



DENTRO DE MIM TENHO UM MUNDO SEM FIM. FORA DE MIM, JÁ NÃO É BEM ASSIM.

Emílio Remelhe

com Antonino, Ricardo, Alice, Moreira, Aristides, Conceição, Hugo, Ângelo, Joaquim, Edgar, António Pedro, Ribeiro, António Rocha, André, Dario, Agostinho, Patrícia, Vítor, Mara, Mónica

Comunidade Terapêutica da Ponte da Pedra

ilustração
PAM

Sou o que fui. Serei o que sou. Não sei bem se já vim se me vou. Marco encontro comigo de vez em quando para que não me veja só de quando em vez. Graças a coisas sem graça nenhuma, levo a sério a Vida que brinca comigo, a vida que parte o brinquedo e me deixa em bocados. É quanto tenho. É o que sinto. É como vês.

Levo o que levo, deixo-me levar. E deixo-te lavar a consciência quando me levas as mãos e me deixas as luvas. Nada me faz falta, afinal, que falta me pode fazer o que não tenho? E o que tenho de sobra são restos e rostos. Não me posso queixar, não tenho a quem. E que posso eu perder quando estou a ganhar, que posso eu ganhar tendo perdido tanto?

Tenho andado sozinha, bem acompanhada:

A Desilusão? É doida por mim, nunca me deixa só, não me larga. A Traição? Nunca me atraiçoou, é-me fiel, prestável, bem educada: é pura Traição. E a Mentira? Verdade seja dita, a Mentira passa o dia ao meu lado, leva-me até o pequeno-almoço à cama. Zela por mim de manhã à noite, com os olhos postos no céu furando as telhas; as más línguas dizem que não ultrapassa o tecto falso.

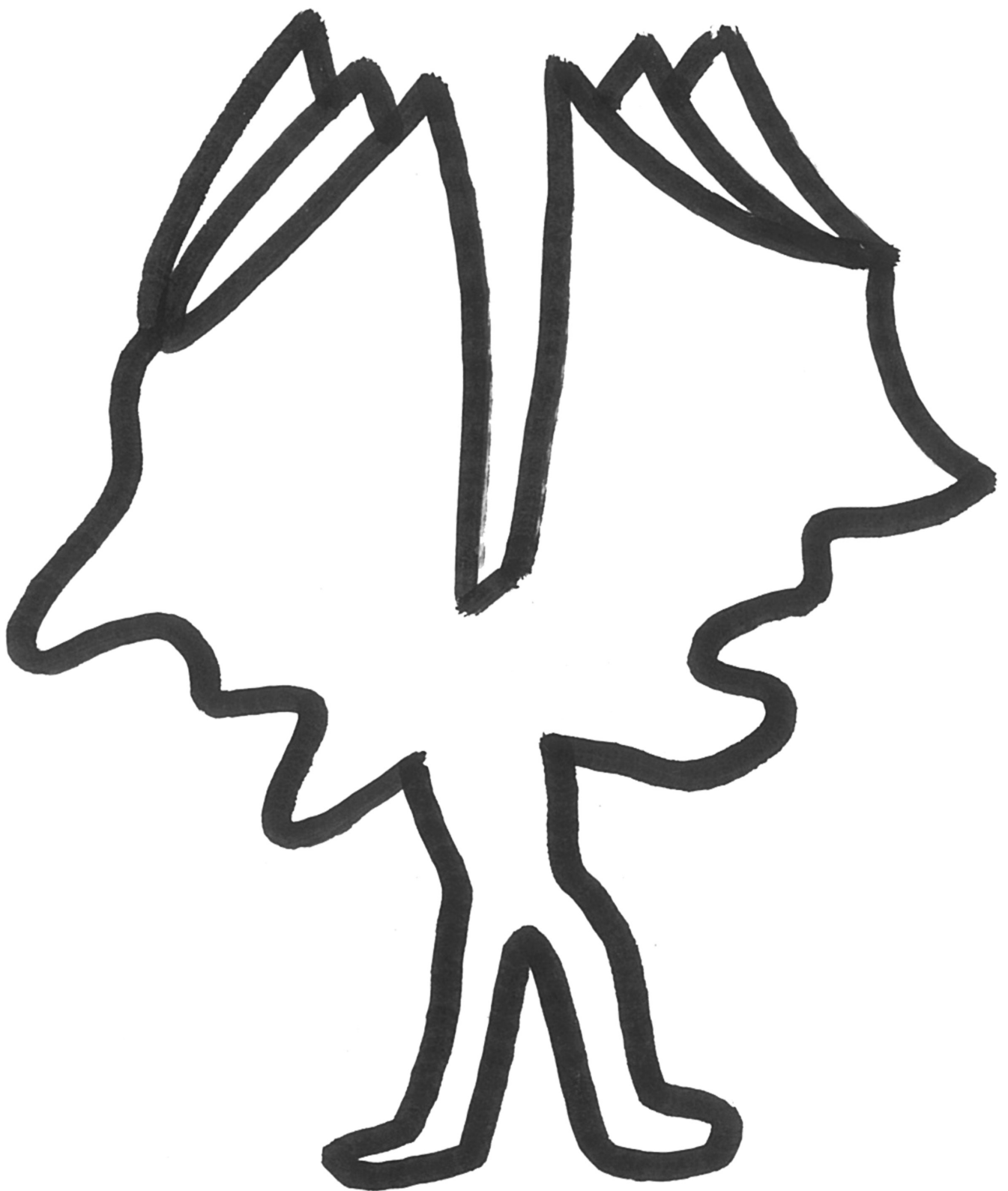
E a Vergonha? Detesto-a quando entra sem bater à porta. Mas é minha amiga de infância, só o faz para me abraçar desavergonhadamente; e só me humilha para poder dizer, como dizem os amigalhaços: estava a brincar. Como vês, não me faltam amigas do peito onde o coração bate e foge, deixando negras. Até a Pressa, com aquele ar eficaz de quem não tem um minuto para ninguém, me convence de que tudo o que é rápido é para meu bem.

Há, ainda, a Inveja e as suas cantigas de amiga servidas em bandeja: “se eu tenho o que tenho, não me podes ver; se não tenho o que não tenho, também não podes ter”. E a Alegria? Já não há como havia. Mas já no tempo da minha tia, quanto mais rara era uma coisa, mais ela valia. E o Agradecimento? É uma espécie de cimento-cola: tanto dá alento, como não passa bola.

Nada a fazer, como diz a minha prima: a vida é remar e arrumar, com ou sem rima.

Mas então a Força? A Força sempre teve um fraquinho por mim, mas nem sempre consigo corresponder. Enfim, nem tudo é um mar de rosas com ondas cheirosas: já tentaram fazer amizade com a Superação, quando não aguentam a separação? É como levar a autoestrada dentro do camião. Uma vez decidi procurar um antigo Equilíbrio, amigo de escola. Mas já era casado com a jovem equilibrista do universal circo da vida. E a Segurança? Já quase não sai de casa, fecha-se a sete chaves. E a Serenidade? Convidei-a para jantar, mas odeia a cidade. Tenho quilos e quilos de Esperança, mas um corpo tão magro para a minha idade.

E a Família? É o único Amor, é a Fé-minha-irmã que me Apoia por cima da Dor. Ainda falo muitas vezes ao telefone com a Motivação de outrora: fala-me do Fosso e da água do Poço, mas a sua euforia ultrapassa a minha Compreensão. A amizade pelas Regras é por agora a mais difícil. Mas quem disse que uma amizade tem de ser fácil? Entre o bem-estar e o mal-me-quer, há um mal-estar de quem me quer bem. Sabem que ainda passo muitos serões com o Rastilho e a Sirene? Praticamente só jogamos dominó: empurra-se a primeira peça, o resto já sabem.



NADO-VIVO

joão pedro azul

com Ana, Ana, Ari, Beatriz, Beatriz, Carlota, Élcio, Elisa, Fábio, Leandro,
Leonor, Nara, Rafael e Fernando Pessoa

Qualificar para Incluir

ilustração
JAS

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

É através dos sonhos que voou
em todas as direcções do tempo
Sob as asas do meu pensamento
liberta-se a alegria de estar vivo
aqui agora sempre
Quase nada — é tudo

Sei que faço as escolhas certas
mesmo que erradas são as minhas
é com elas que vou construindo esta casa
e abrindo as janelas de paz em paz
A música a maresia o movimento
chegam assim a todos os lugares
distantes do sentir e do estar
despertando a urgência da Primavera

Da boca das mulheres florescem
cravos que pintam o calendário
e eu danço Abril e com a minha nudez
inundo de liberdade a rua
as praças as praias o país
e abraço as margens
as tuas
as nossas
e rimo-nos juntos
Quase tudo — é nada

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.



A GUERRA É UM MAL NECESSÁRIO?

RAPSÓDIA COM ACENTO AGUDO NO PRESENTE

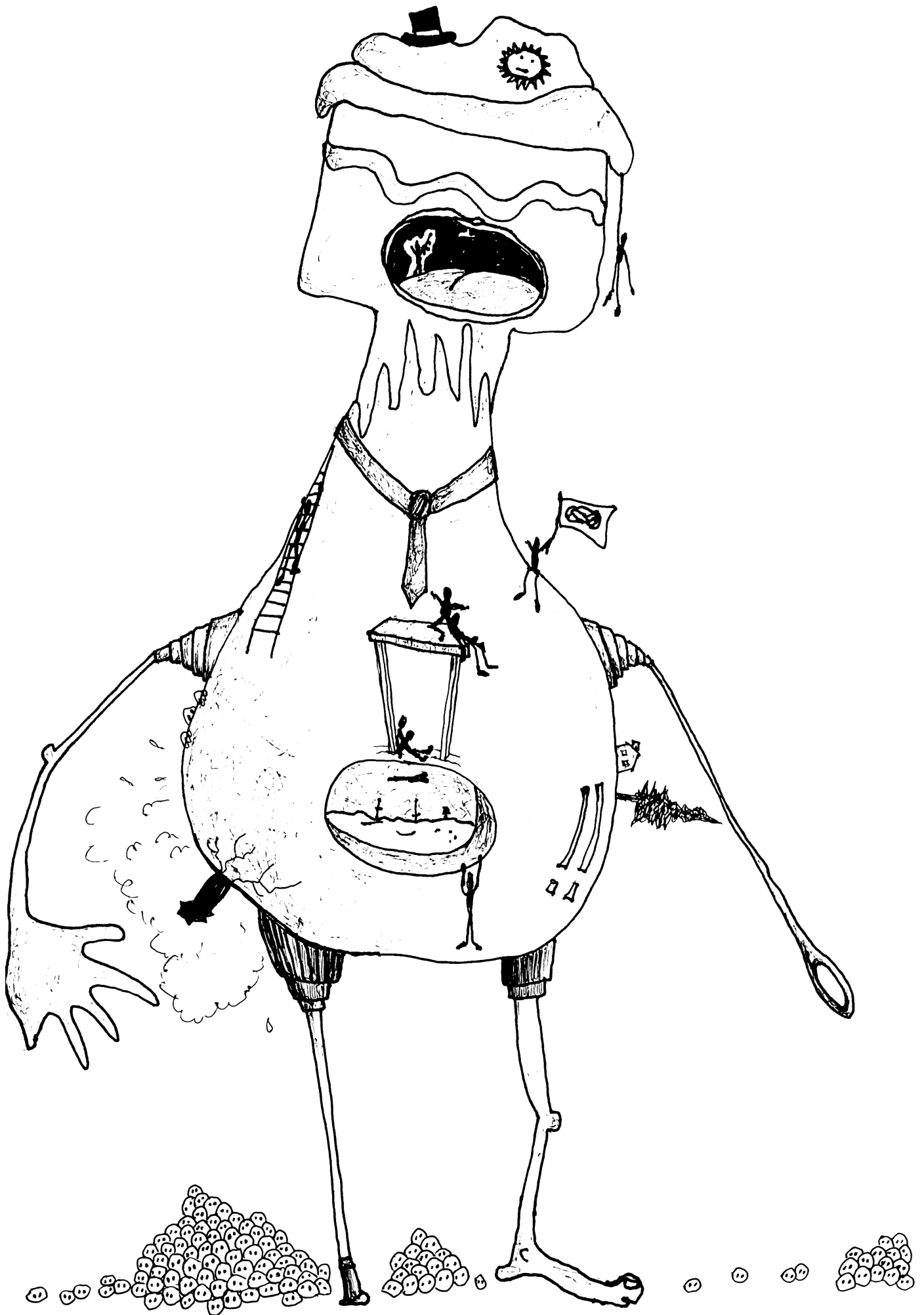
ANIGER SEARA MUIG
com Marantino, Madureira, Bruno Lages, King, Zé Ninguém, Guifões, Kokçu

Centro Educativo Santo António

ilustração
Kate Falcão

– Se me chamassem, eu ia...
Se a guerra chamasse pelo meu nome, eu ia.
– Defender o meu país e a união europeia.
Eu ia, mataria e morreria pelo meu país.
– Eu não ia, não. Não estou preparado para matar.
– Para dizer a verdade, se houvesse comida, eu ia.
Ia ou não ia. Consoante me cheirasse a esturro ou a pão quente.
– Bem sei que enquanto eu aqui estou sossegado, há gente a combater e a morrer.
Mas o que é que eu tenho a ver com a guerra deles?
– A guerra é uma luta de velhos que não se cansam.
– Porque é que em vez de comprarem armas não treinam melhor os diplomatas?
Um bom diplomata vale mais que mil soldados.
– A guerra é uma luta de velhos, porém são os jovens que caem no campo de batalha.
– Se me chamassem, eu não ia, por causa da família.
– Não estou pronto para morrer e matar.
– A guerra são só desgostos.
Chamam-lhes danos colaterais, mas as lágrimas correm diretas dos olhos para o peito.
– Defender a minha terra natal?
Ora... eu nem sequer nasci aqui.
Nem que tivesse nascido, não ia na mesma.
– Eles que se matem entre presidentes.
– A minha guerra é outra, é uma guerra comigo próprio.
Entre mim e mim, entre mim e outros dentro de mim...
E o coração bate como um tambor aflito.
– Se me chamassem soldado, eu dizia:
«Estou aqui para pintar paredes.»
– Se me chamassem para as trincheiras, eu dizia:
«Prefiro devorar quatro pães ao pequeno-almoço a comer metralha ao despertar.»
– Quem morrer não volta a nascer, estás a ver, nem na terra natal nem na terra alheia.
Adeus pão, adeus água, adeus céu, adeus casa.
– Guerra só de bolos com chantilly como nos filmes cómicos.
– Se me chamassem eu fugia, escondia-me dentro de mim mesmo.
– Enfiem os presidentes num ringue de boxe, logo se verá quem vai ao chão e come o pó primeiro.
– Eu cá talvez fosse à guerra se a ganhasse de antemão, fazendo batota...
– Acho que a guerra só devia ser entre soldados.
– Eles chamam às crianças sem braços e aos pais sem pernas danos colaterais.
– Eles chamam inimigo aos gajos que se parecem contigo.
– Se não estivesse aqui fechado, talvez pensasse de outra maneira.
Contudo não acredito que quisesse ser militar.
– Isso de ser corajoso é o que eles pedem aos trabalhadores.
Trabalha se queres comer.
Mata se não queres morrer.
– Não precisamos de heróis e de vítimas.
Isso é para quem julga que a vida é um livro aos quadradinhos, quando se sabe há muito que a terra é redonda.

¹ Uma rapsódia é uma composição de natureza livre, que não segue uma forma padrão e que é caracterizada pela utilização de fragmentos.



TEMPO A PERDER

Saguenail
com Azevedo, Cafunfeiro, Carter, Castro, K9, Pikachu

Centro Educativo Santo António

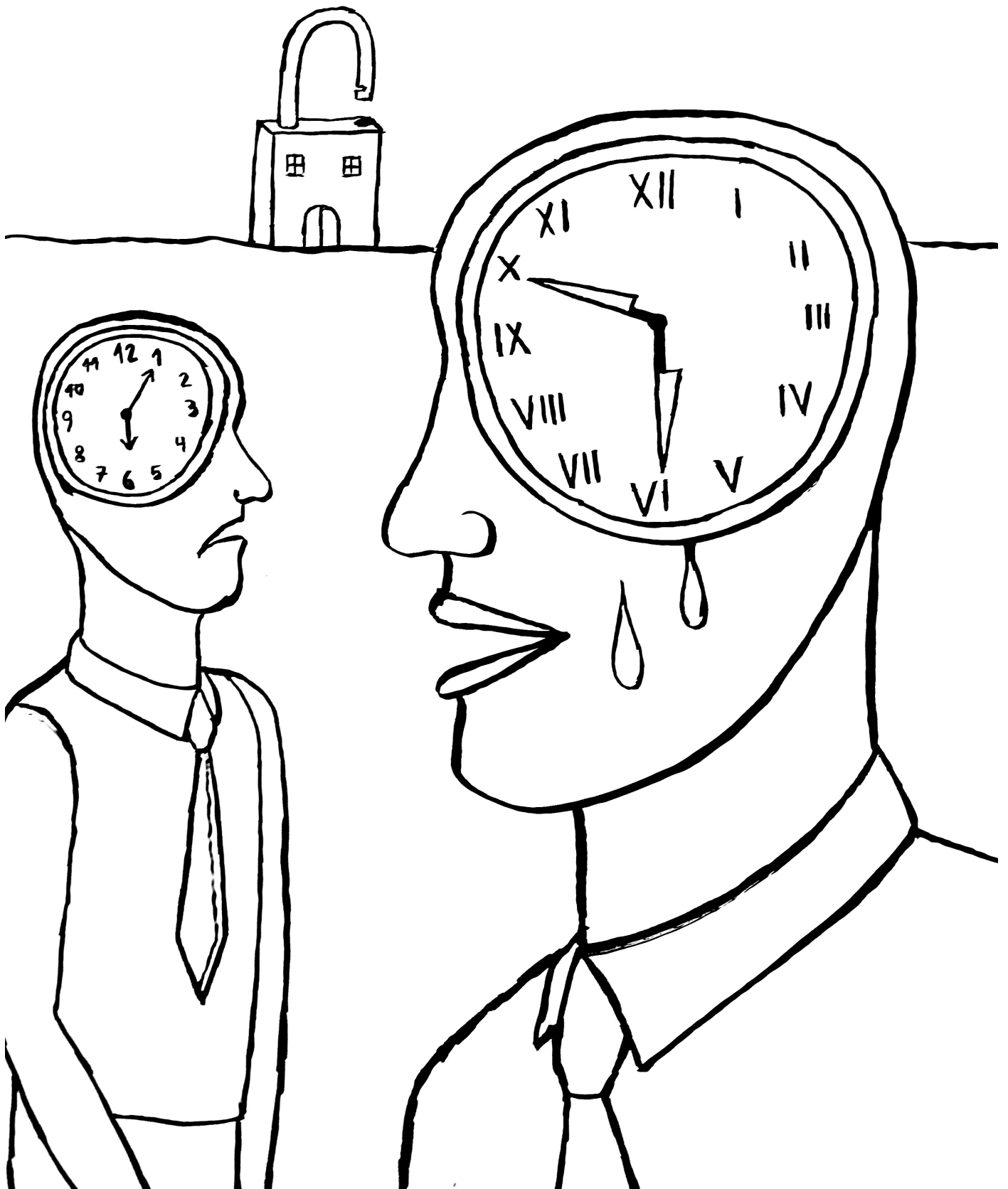
ilustração
João Alves

Quando se espera, o tempo estica, o tempo cresce
A duração é feita de frustração
Os minutos só sabem rastejar, espezinhar
Os relógios simulam paralisação
E esfaqueiam-nos com seus rígidos ponteiros
No reino do vazio só se vive de saudades
E o tempo confunde-se com mágoa e pesar

Saciada a paixão o tempo voa e foge
Ardemos nesse fogo que devora os desejos
Somos brasa um instante e somos cinza logo
Julgávamos pairar mas voltamos ao chão

A viver mais depressa fomos ensinados
Não aprendemos a tomar o nosso tempo
A agarrar os segundos a esculpir as horas
O tempo talvez seja abstração no entanto
Nem é vazio nem pergunta retórica
Corre como as águas e temos de nadar
Seguir a correnteza e saber flutuar

À custa da pressa, depressa envelhecemos...
É necessário perder tempo a refletir
Aprender a esperar e a esticar o tempo
E nos erros cometidos não persistir



FILME

Rui Manuel Amaral

com Emílio Costa, Bruno Fangueiro, Fernando Rocha, Paulo Almeida,
Rúben Pinto e Adilson Garcia

Casa da Rua

ilustração
Nuno Sousa

Diz-se que cada vida dava um romance, mas a minha dava um filme. Primeira cena do filme da minha vida: estou num quarto que partilho com várias pessoas. Não há espaço para todos. Vivemos uns por cima dos outros. Sobre a imagem, uma legenda: «Isto não está a ser fácil.»

Segunda cena: imagino que tenho uma casa para mim e para a minha companheira, que está em Espanha. Não podemos estar juntos porque não temos onde viver. Melhor ainda se a casa fosse nos Estados Unidos da América ou no Dubai, mas isso é impossível e não faz parte deste filme. Pode ser um T0 na Boavista, a zona onde nasci e fui criado. Legenda sobre a imagem: «Devia sair-me o euromilhões.»

Cena três: morreu o meu melhor amigo. Foi há dois dias. Ele sempre me ajudou e eu a ele. Acordou morto. Ou melhor, não acordou, porque ninguém acorda quando está morto. Também ele partilhava o quarto com mais pessoas e nenhuma delas deu por nada. Legenda: «Preciso de um amigo com quem desabafar.»

Cena quatro: sonho que tenho o poder de fazer qualquer milagre. De transformar a água em vinho. Não um vinho qualquer, mas um dos bons. Sonho que tenho o poder de ser invisível e não pagar nos transportes. Que tenho o poder de curar doenças. Sonho que sou capaz de curar o problema que tenho nos pulmões e que me impede de trabalhar. Legenda sobre a imagem: «Só queria ser feliz.»

Cena final: surge a imagem da minha mãe, em Cabo Verde. Falo com ela. Digo-lhe que não há ninguém como ela, que ninguém alguma vez poderá ocupar o seu lugar. Digo-lhe que é a melhor mãe que se pode desejar. A única pessoa que insiste sempre para que eu continue no bom caminho. Legenda: «Nunca te esquecerei.»

Esta é a minha vida. Não dá um romance, mas dá um filme.

Última legenda: «Felizes para sempre.»

Não, ainda não acabou.

Agora, sim. Esta é a última legenda: «Consegui.»



A(O)S BENEVOLENTES.

Hafid Aggoune

com Christine Gosset, Chantal Legrandois, Marie-Annick Verague, Monique Do, Nathalie Katoukoulou, Brigitte, Aurélie, Giovanni e James

tradução de Rui Teigão

ilustração
Tonton Ringo



As vozes misturavam-se como riachos. À volta de uma grande mesa, Aurélie, Christine, Nathalie, Chantale, Brigitte, Marie-Annick, Monique, Giovanni e James, o convidado-surpresa, partilhavam um momento suspenso, vibrante, neste lugar onde as palavras ganham vida.

Monique, vinda do Sul com as suas cicatrizes e o seu generoso coração, fazia sonar a campainha da sua cadeira. «Lá em baixo, rejeitaram-me, incompreendida, mas aqui recebo felicidade.» Os seus olhos brilhavam.

Giovanni, pedreiro, restaurador e escritor, sabia entreter e cativar uma turba. Adotado em criança, estimava os seus pais adotivos. «Porque é que o Estado quer separar famílias que se amam?», perguntava ele. As suas histórias falavam dos direitos das mulheres, de sóis quebrados e reparados. Mas Chantale, apoiada na sua cana elegante, pedia-lhe a imagem que ele tinha criado com inteligência artificial, uma mulher saída de uma das suas extraordinárias histórias.

Aurélie falava do seu filho de 5 anos, esmagador de tomates. «Ele gosta deles verdadeiros, em ketchup não, ria ela. Mas os ecrãs podem-lhe roubar o olhar curioso». Ela propunha uma visita aos jardins comunitários. As ervilhas são vendidas adoçadas. Eles distribuem-nas por todo o lado, e as crianças acreditam que os tomates nascem nas garrafas de ketchup.

Christine acenou com a cabeça. «Eu plantei batatas no campo. Foi duro, mas a terra fala a quem a sabe ouvir.»

Brigitte, fã do Paris Saint-Germain, acrescentou: «A minha

deficiência abriu-me portas, saídas, encontros, como no parque Astérix. Mas é necessário ajudarmo-nos uns aos outros, sempre.» Como Mónica, que tinha conhecido a rejeição, aquela fria lâmina que corta o coração.

Acabada de chegar, Marie-Annick abanava-se debaixo da camisola. «Tenho calor», e tomou um enorme gole de água. Aurélie contou a história de uma senhora que há 7 anos sonhava com um chuveiro. O seu marido recusava que entrássemos na casa deles.

E da tutela, falamos? Às vezes, é uma prisão disfarçada. Monique apertou os lábios. «É impossível viver com 50€ por semana.»

James, silencioso e sábio, desenhava. Com 9 anos, descobriu a Leitura Furiosa, esse lugar onde os sonhos ganham forma sobre os sorrisos. O seu lápis desenhava o Bob Esponja, um personagem sorridente que absorvia as tristezas para devolver alegria.

Nós julgamos sem saber. Não vemos as lutas dos outros, mas juntos somos mais fortes. Como aqui. As palavras dançam, poéticas, como uma brisa nas folhas das bétulas. Quanto mais positivamente contribuímos, mais avançamos, como a água de um moinho.

É necessário que permaneçamos humanos, que não nos tornemos robôs, plantar sementes para um mundo de escuta, de laços, graças a belas almas como a da Rose e da Camille. Chantal e James levantaram-se e foram pendurar o Bob Esponja que velava aquele, de agora em diante, lugar mágico. Também ele fazia girar o moinho da esperança.

NÃO É BONITO SER-SE PERVERSO

Ella Balaert

com Louna, Ambre, Jules, Nathanaël, Timéo, Hugo, Aude Mercoyrol

tradução de Luís Caminha

ilustração
André Zetlaoui

Estava bom tempo: saímos, caminhámos, cantámos, rimos e comemos, na relva reboámos. Estivemos a observar as garças, um bando de gansos selvagens levantando voo, patos-reais, galinhas-d'água, o azul das libélulas, os lírios-amarelos e os lírios-roxos, as flores dos nenúfares.

Contámos uns aos outros histórias de gatos que saltam por toda a parte, de cães que mordem, de rottweilers, de labradores e de malinois, de siluros e de carpas, de percas-sol, de póneis.

de pat-úfares que fazem quá-quá – de quê? de patuleios?

de Borbo-lírios alados – de quê? de borbotos não russos?

De sapos-gansos, de gatos-sapatos, de sapatos-gatos,

todos estendidos na relva, de olhos no céu, quem já não viu caírem gotas de mel.

Depois apanhámos pedras.

Não eram muito bonitas. Algumas até estavam partidas... Estávamos para rejeitá-las, mas se lá fora pareciam feias, cá dentro ficaram bonitas, muito pretas, ou muito brancas, ou um pouco de ambas, e brilhantes.

As pessoas são como as pedras.

Parecem sólidas, mas podem partir-se, e a sua verdadeira beleza está dentro.

O que conta não é como somos fisicamente, quanto dinheiro ganhamos.

O que importa é quem somos realmente, é o que fazemos

e o que não fazemos, porque não se deve:

NÃO É BONITO SER-SE PERVERSO

E como em *perverso* há um verso, então cantámos versos (à maneira de Ciel, de Gims):

Ciel, ciel, ciel... / Azonto, azonto

Há caixas cheias de ódio que nos magoam tanto,
Dói-te a barriga toda a semana,
Tiveste um pesadelo, sonhaste que o teu pai
Ia para o campo, mas sem a tua mãe

Não caem do céu
As caixas de caramelos
Nem os rebuçados de mel,
Oh, não! oh, não!

Dizes que não se bate em homens, que em mulheres não se bate,
Que não se bate em velhos e em jovens, que nos outros e em ti próprio não se bate.
Se estás cheio de raiva, mano, bate na almofada,
Numa bola, num saco de boxe, mas na tua mãe não batas.
Vai brincar, vai dar um passeio, joga na consola
Ouve música, evita meter o pé na argola,
Mas não descarregues no pequeno, não descarregues no grandalhão,
Não descarregues nos que são diferentes só porque o são.

(refrão: Há caixas cheias de ódio ... Oh, não! oh, não!)

O que conta é o amor, é respeitar as escolhas
De um rapaz que ama uma rapariga, de uma rapariga que ama um rapaz,
De um rapaz que ama um rapaz, de uma rapariga que ama tudo isso:
Homo hetero bi, têm todos os mesmos direitos.

Azonto, azonto, azonto, azonto, azonto...

Já não há caixas cheias de ódio a magoarem-nos tanto,

Já não te dói nada a barriguinha,
Já não tens pesadelos, sonhas que o teu pai
Te leva à pesca com os teus irmãos e irmãs.

Então caem do céu
As caixas de caramelos
E os rebuçados de mel,
Oh, sim! oh, sim!



REALMENTE

Julia Billet
com Ahouse, Hajar, Nassima, Victory, Julia

tradução de João Rodrigues

ilustração
Tonton Ringo



Às vezes, os tigres são de peluche, outras vezes estão sentados num salão e conversam com uma girafa. Outras vezes ainda os tigres não devoram os coelhos quando são amigos deles. Todos estes tigres são verdadeiros, tão verdadeiros como os que correm na savana de Bengala ou que vivem na floresta tropical.

É como os gatos que andam em pé, ou então como a girafa que escorrega na lama e se consola com palavras tontas que fazem cócegas. Eles existem tal como os gatos que dormem na rua. Existem tal como as girafas do Níger que esticam as línguas para apanharem as folhas no cimo das árvores.

Podíamos também falar da galinha que rola e rebola até perder a bola ou então dos ratinhos vestidos com fatiotas amarelas, que vivem em casas pequeninas com cortinas brancas.

Esses tigres, esses gatos, essas girafas, essas formigas, essa galinha e esses ratinhos existem mesmo e contam-nos histórias verdadeiras, as histórias deles, e fazem-nos sonhar, rir, abrir muito os olhos e os ouvidos.

Histórias que, por vezes, nos fazem também pensar.

Porque se a formiga vermelha e a formiga preta têm as mesmas mandíbulas, os mesmos olhos, as mesmas antenas, se elas têm cada uma seis patas, elas são semelhantes. E, no entanto, uma é preta e a outra é vermelha, e uma é magra e a

outra é carnuda. Elas são, portanto, diferentes.

Mas será que podemos ao mesmo tempo ser semelhantes e diferentes?

Será que as duas formigas do livro não nos vêm fazer estas perguntas, a nós leitoras e leitores? Será que somos semelhantes quando não temos a mesma cor de pele, de cabelo, quando temos os olhos azuis ou castanhos, quando não falamos a mesma língua? Mas será que somos diferentes quando temos um nariz, uma boca, um cérebro, dois braços, duas pernas, e quando temos a mesma vontade de ser felizes? Os livros estão cheios de todas estas perguntas e de todas estas vidas e quando lemos um livro, lemo-lo mesmo. E o que ele nos conta entra nas nossas cabeças, e também nas nossas bocas e também nas nossas mãos, frequentemente mesmo nos nossos corações. Damos connosco a gostar do perfume da leoa e do cão que se mete debaixo da mesa para fazer uma surpresa à sua amiga. Ficamos um bocadinho tristes ao deparar com a galinha toda partida à força de rebolar, sentimos um bocadinho de medo pela girafa quando o tigre ruge.

As palavras e as imagens dos livros transportam-nos para mundos tão verdadeiros como o mundo no qual andamos, comemos, brincamos, rimos, e algumas vezes choramos.

As palavras e as imagens dos livros acolhem-nos e prendem-nos dentro das suas páginas; encontramos as personagens, tornamo-nos amigos delas, vivemos as aventuras a seu lado. E, de quando em quando, os livros consolam-nos.

Os livros são feitos de verdadeiras palavras, de verdadeiras cores, de verdadeiras invenções. Sonhamos realmente, entramos neles realmente, voltamos a eles realmente e adoramo-los... para sempre.

GATINHOS FOFINHOS

Anne Jeanson
com Natacha, Nadia, Maïssa, Lucia, Nodar,
Alicia, Dyauliane com Audrey e Daphné

tradução de Luís Caminha

ilustração
Tonton Ringo

Brilha o pombal,
Lugar tranquilo,
À luz do sol,
E nada mais.

É uma escola,
Dessas que apoiam,
Os muros chovem
Letras alegres.

Eu chego à hora,
Está bom tempo,
Anseio, temo,
Já somos nós.

Entram por fim,
Carinhas tímidas,
Estão apreensivos,
Eu mais que tudo.

E a coisa avança,
Dizem-se os nomes,
No olhar gatinhos,
Ouço Let's Go!

Bolas de piadas,
O azul do céu,
Lilo e Stitch,
As gargalhadas.

Refrão vazio,
A borboleta,
O morceguinho,
É a centelha.

Sonho da Guiana,
Grandes vivendas,
O Euromilhões,
Os sonhos voam.

Escrever listas,
Que ideia essa,
Lágrima triste
Que se revela.

Cala-se o mundo,
Detém-se a lágrima,
Desaparece,
Pudor sagrado.

E então corremos,
É meio-dia,
Não há escola,
Nossa a cidade!

Roda o autocarro,
Fora, bem fora,
Fora da concha,
Que bela sorte.

Parque Saint-Pierre,
Cheio de luz,
Patos amigos
E os acrobatas.

Vêm as piruetas,
E as cambalhotas,
Naquele monte,
Na relva brava!

Eu, eu, eu, eu,
O dedo no ar,
Sete gatinhos,
Rabiscam e miam.

Um dromedário,
Come uma pizza,
Com cornichons,
Mas aonde vamos?

Quero partir,
Como estas crianças,
Dentro da foto,
À beira-mar.

Audrey-Daphné,
Luzes atentas,
A toda a prova,
Tecendo coisas.

As leis, os laços,
As palavras, os alvos,
Fazem reinar
Sobre estas crianças,

Estes gatinhos,
Estas criancinhas,
Contexto, amor,
Paz, emoção.

E eu, comovida,
De ver tudo isto,
Toda a ternura,
Que há neste mundo.



UM DIA DE GAZETA

Éric Louis

com Enzo, Soledad, Sam, Makan, Florient, Issa, Mamikima, Chriseivie, Maelys,
Valérie, Shainesse, Leslie, Justine, Drousilia

tradução de Maria João Brilhante

ilustração
André Zetlaoui

De onde vêm estas crianças? De que solidão? De que sofrimento?

Esse sofrimento púdico, afogado sob os risos. Sob a enchente de palavras. Palavras simples. Palavras precisas.

O teatrinho da sua vida toma ares de paraíso. A grande casa centenária abriga-os. A pedra contém os seus tormentos. De perto, as árvores protegem-nos do sol escaldante.

Hoje é um pouco verão em pleno mês de maio. O lá fora estende-nos os braços. O dia será de gazeta. A cidade bem próxima chama-nos. Maria-sem-camisa não treme. Vê-nos passar, divertida, pelo caminho da catedral, divindade gigantesca. Alguns enfiam-se por ali. Perdidos na massa dos turistas.

De regresso, um pássaro morto sobre os degraus da grande habitação. Ele deve ter visto na porta envidraçada refletir-se a imensidão do céu. Lançou-se, cheio de confiança, cego à miragem. Um sinal? Um aviso? Por vezes os dias de gazeta trazem neles mais ensinamentos que os dias de escola.

De onde vêm estas crianças? De que dor? De que passado?

É-nos difícil adivinhar. De tal modo a vida delas ferve. Uma vida um pouco desordenada. Mas de modo algum uma desordem de vida.

Fortes na sua confiança. Nos que a merecem. Nelas próprias.

Fortes no amor que dão sem contar. Que sabem receber, venha ele de longe, ou de perto.

De onde vêm estas crianças? De que viagem? De que coragem?

Sabemo-lo bem.

Hoje é um pouco verão na sua existência. A vida torna-se doce.

Os gelados com cores cintilantes pingam pelos cones. Mancham os dedos. Os aromas exóticos coloram as línguas. E desatam-nas.

Lê-se a felicidade nos seus rostos. Uma felicidade partilhada. Habita cada um, como numa preocupação de equidade.

Para onde vão essas crianças? Para que sonhos? Para que destinos?

Encontrá-las-emos um dia, cozinheiro, actor, futebolista, cantor, parteira, esteticista, educadora, comentador desportivo...

É engraçado, viram? Nem um polícia. Nem um militar. Nem um banqueiro.

É belo, viram?

E sempre a vida que vai, a vida que vem.

Alguns passos de dança. Um kebab de vez em quando.

Pequenos nada.

Um dente que abana e que não quer cair. Um problema de criança, num corpo de criança.

E um menos bem.

Um passado um pouco pesado demais e que não se consegue esquecer. Um desgosto de grande, para uma alma de criança.

E esta frase, como um lembrete.

Como um chamamento desses pequenos já demasiado grandes; «Papá, fazes-me falta.»



TEXTO SEM TÍTULO: FARTOS DOS RÓTULOS

Lilas Nord
com Namanda, Nabila e Sandrine

tradução de Maria João Brilhante

ilustração
André Zetlaoui

Na lavandaria, há rótulos já prontos. Rótulos para nos ajudar a lavar a roupa suja. Para triar sem colocar demasiadas perguntas a si próprio. No armazém de embalamento, retira-se os rótulos maus para dentro de uma taça e coloca-se os bons. É aborrecido.

Mas ao mesmo tempo...

No atelier, só passamos por cima dos que fizeram algo mal. Não por cima dos que fizeram mal. Então isso dá vontade de rever todos os rótulos da vida. Todas as palavras duras que vos colam à pele sem vos perguntarem a vossa opinião.

Há rótulos que têm ar delicado, desta maneira: «os rapazes não têm medo de nada», «uma menina, podes vesti-la como quiseres, fazer-lhe uns totós, pô-la de vestido, vesti-la de cor de rosa: é fofinho» ou «Os chineses são bonitos».

Mas quando se pensa nisso...

Há também os do género:

«Os homens e as mulheres, é melhor separá-los: as mulheres na cozinha e os homens a não fazer nada.»

E todos os rótulos em «mais»: «mais isto», «mais aquilo», todos esses atalhos que deformam tudo o que está por detrás disso.

Colam-nos rótulos até na cabeça, e isso entorta-nos a realidade.

Um dia, um tipo quase me matou com o carro. No chão, em sangue, partida, só via o meu conjunto Lacoste completamente espatifado e disse a mim própria: «A minha mãe vai-me matar.»

E depois, há os rótulos secretos, flechas «sujas», que nos introduziram no corpo com golpes, e que nenhuma lavandaria conseguirá jamais apagar. Esses rótulos que temos medo de mostrar, ou que os outros têm medo de olhar de frente. Por vezes, escondem-nos atrás de rótulos mais largos, demasiado grandes, como moldes de gesso mal feitos.

E cabe-nos a nós tirá-los para mostrar as nossas feridas.

Mas às vezes estamos tão cobertos de rótulos que já não nos podemos ver ao espelho, que não suportamos o nosso corpo. E chegamos mesmo a não fazer ouvir os: «Não tocar», «Delicado», «Frágil».

Então afundamo-nos, ou vamos em frente, obrigados a acelerar, e acabamos no gradeamento de uma ponte. Já está, estamos mortos. Mas não, não estamos mortos. Continuamos a sofrer.

Então erguemo-nos, porque estamos melhor de pé, mesmo se isso é doloroso.

E mudamos os rótulos.

Em frente ao parque Saint Pierre, escreve-se: «Parque com um lago muito bonito. Não entrar sozinha à noite.»

Ao tipo que nos atira: «Olha a miúda, vou comê-la», lançamos: «Bem podes falar.» «Não tenho ninguém: não quero ninguém», ou «Estou aqui para trabalhar, não para ser alvo de engate.»

E aos que nos quebraram ao roubar-nos o que tínhamos aprendido do ler e do escrever, atiramos rótulos para nos defendermos. Para afastar os perversos de piscina que só pensam em espreitar, atiramos: «Mudem os cérebros deles, não as cabines!» E aos dos autocarros que só pensam em roçar-se: «A tua mão nas minhas nádegas: o meu punho na tua cara!»

Está na hora de ripostar.



O SEGREDO DE MIGUEL, FILHO DE JÚLIO VERNE

Claire Ubac

com Jade, Hayden, Michel, Julia, Mama, Nalya, Lanna, Lino, Bienvenue*, Claire
e a amável participação de Valentin e de Shelnon

tradução de Cristina Almeida Ribeiro

ilustração
André Zetlaoui

Preciosa, Carbono, Sol, Primavera, Gaia, Clemência, Estilhaço, Lince, Benvinda costumam encontrar-se no Parque do Lagarto ao lado da escola. Gostam de fazer investigações. A primeira de todas foi quando Lince ainda andava no 2.º ano e Carbono no 6.º. Encontraram o peluche da irmãzinha de Primavera atrás do contentor do lixo, mesmo antes de os cantoneiros o levarem!

Os 9 são populares no bairro por causa das suas investigações sempre bem-sucedidas.

A 16 de Maio, Carbono chega ao parque depois do dia no colégio. Diz aos outros, muito excitado:

– Que fixe, tenho de fazer uma exposição sobre Júlio Verne. Por uma vez é sobre alguém da nossa cidade!

Preciosa aponta com o indicador para o Bairro do Circo:

– Boa! Só temos de ir todos à casa d Júlio Verne!

Os 9 apanham o autocarro L até à casa do grande escritor.

Durante a visita ao quarto, Estilhaço, que mexe sempre em tudo porque é curiosa, calca sem querer o fundo de uma gaveta.

Puf! Uma gavetinha escondida abre-se como um leitor de DVD: um papel amarelecido sai disparado até à cabeça de Benvinda.

Gaia, a protectora, faz «chiiuu!» Com um gesto rápido, guarda o papel no bolso – sem o estragar, claro – e pede a Primavera, que adora ajudar, para ir buscar os outros às outras divisões.

Os 9 regressam a casa. Marcam encontro no dia seguinte no Parque do Lagarto. No sábado de manhã estão todos à volta de Gaia. Ela abre com cuidado o papel dobrado em quatro e lê:

«Querido Pai, mil beijos pela sua história *Viagem*

ao centro do planeta Marte. Por favor, não a conte a mais ninguém. Quero guardá-la preciosamente para mim; então, escondi-a atrás do seu retrato fotográfico. Assinado: o seu filho preferido, Miguel.»

– Oh não! – gemeu Estilhaço; nunca vamos encontrar essa história!

Preciosa dá um salto:

– Eu sei onde está a fotografia de Júlio Verne! Vi-a quando fui com a minha mãe à Câmara!

Os 9 voltam a apanhar o autocarro – desta vez, o 5 – e precipitam-se para a Câmara Municipal.

Carbono, o mais velho, diz na recepção que tem uma coisa muito importante para mostrar ao Presidente da Câmara.

O Sr. de Jenlis examina o retrato de Júlio Verne pelo fotógrafo Jean-Nicolas Truchelut. E descobre a história inédita de Júlio Verne presa lá atrás!

As crianças são recompensadas numa cerimónia. Uma quantia em dinheiro é depositada numa conta-poupança em seu nome e há uma montanha de Ferrero Rochers.

Quanto à exposição de Carbono, o professor de História e Geografia diz-lhe:

– Não te dou os parabéns pela exposição. Mas... bem, fizeste uma grande descoberta literária e histórica!

* As crianças inspiraram-se na etimologia do seu nome próprio para escolher os dos **9**.

P.S: Shelnon na língua Moudang quer dizer «Deus decide». A mãe escolheu este nome quando o marido se queixou por o novo bebé ser outra vez uma menina, depois das duas irmãs mais velhas!



VIAGENS IMÓVEIS

Isabelle Marsay

com Sandes, Amandine, Ingrid, Allah, Émeline, Véronique, Dorian,
Isabelle, Thérèse, Frank, Cyndie, Mathilde, Loetitia

tradução de Cláudia Oliveira

ilustração
Tonton Ringo

Esquecemo-nos de que nem sempre tivemos água canalizada, reforma ou férias pagas.

Obrigada, Léon Blum. Obrigada, Conselho da Resistência.

Esquecemo-nos de que as mulheres eram consideradas uma quarta parte dos homens, como batatas, incapazes de votar.

Esquecemo-nos do que se passa à nossa volta e, francamente, não nos importamos.

Não sabemos como vivem as pessoas noutros lugares. E se toda a gente faz crepes na festa da Candelária.

Ah, bem, há quem não tenha leite nem ovos? Meu Deus!

O que é que se passa fora de Chaumont, de Gisors ou de Beauvais? Quantos milhões de crianças não têm a oportunidade de ir à escola neste maldito mundo?

No fundo, não nos importa.

Não queremos ver, não queremos saber.

Fora dos nossos territórios.

Muitas vezes peguilhamos, resmungamos, sem saber bem porquê.

Por coisas sem rima nem razão.

Por ninharias, no fundo.

Por vezes temos medo do mundo, das nossas sombras, das bombas.

Ainda bem que teremos um *kit* de sobrevivência.

Uma lanterna para acender quando vier a noite. LOL.

Temos medo de ser insultados, apedrejados, maltratados.

Ainda bem que temos os nossos pais e os nossos amigos.

Não pensamos nas guerras na Europa, na Palestina ou noutros lugares.

Uma informação anula a outra e ficamos com dores de cabeça.

Então, sobe-nos à cabeça. Enviamos uns aos outros fotos do pequeno-almoço, do almoço, do jantar.

Rajadas de *selfies* pelo ar a contar o número de visualizações, de *likes*, de *followers*.

Tomamo-nos por stars.

Queremos estar à cabeça nas redes sociais, postar

os vídeos das nossas viagens à Córsega ou a Marraquexe.

Com redes de dormir, camelos, cactos, cavalos, em países onde faz sempre bom tempo.

Porquê ir tão longe?

Cada ser é um planeta que não tem por força de girar, como tu, como eu, como nós.

Não é preciso viajar para se deslocar.

Estar aos pés da Torre Eiffel, mesmo a meio, e olhar para o céu, isso é que nos tira os pés do chão.

E tira-me também os pés do chão olhar para ti e fazer-te sorrir.

Cantar Angèle, Adèle, «Souviens-toi d'aimer [Lembra-te de amar]», a Manai [cantora] ou os Trois Cafés Gourmands [banda].

(Canções a **completar com o grupo amanhã**)

Mesmo que nunca cheguemos a viver no Tahiti, fará sempre sol nos teus olhos quando me olhas.

Mesmo que nunca tenhamos a nossa estátua no Museu Grévin, como o Michael Jackson, o Johnny [Halliday] ou a Mimie Mathy, fico sem os pés no chão quando te dou a mão...

Sinto-me como se estivesse na Córsega, em Marrocos ou na Andaluzia, e todos os meus sonhos se tornam realidade quando te pixelizo em Beauvais, em Chaumont ou em Gisors.

Ao pensar na tua voz e no teu coração de ouro.

Estou aqui, aqui e noutro lugar, ao pé de ti, e os problemas do mundo evaporam-se como por magia.

Falamos da chuva, do bom tempo, de Cardan, e deixo um pouco de me importar com o destino do planeta porque fico com ganas de aterrar na tua cabeça.

Marraquexe, os cavalos, as redes, os cactos, são tu. Dallas e os seus arranha-céus coloridos que brilham na noite, são tu.

Basta olhar para ti, olharmo-nos nos olhos, para viajar até ao outro lado da terra e brilhar.

Como tantos pequenos planetas que nunca param de girar...



APRENDEMOS A FALAR EM ALGUM LUGAR

Sandra Vanbremeersch

com Raphaël, Andrea, Isabelle, Eddy, Hafso, Nebiyu, Wengelawit, Reniche,
Priscilla, Muzamel, Marie-Paule, Roland, Ruth

tradução de Cláudia Oliveira

ilustração
André Zetlaoui

Bum esta explosão! Ali, na minha cabeça: uma palavra. Ouves-me? Sob os pum pum ali, na minha rua, atrás da Montanha da Mesa, ali, aonde não se vai, abaixo da minha casa, ali, onde não se vive, onde não se vê, bum, morte. Assim. «É normal», lá. A sério? É isso que estás a dizer? Não, não te oiço. E a palavra muda de poiso. Ameaçada. Perigo. Vai-se embora. Aqui, não pudeste amar, então vens. A esta mesa, entre nós. Triste palavra, quem te ouviu?

Ah, a palavra vem, chiu, ouve, ela musica, saltita, vibra, está feliz a palavra que volta em folha verde caju do jardim botânico de Kimsantu, toda molhada do lago Kivu, toda cosida em fios de pano, a palavra é saco, a palavra é roupa, a palavra tece-se, irradia, encontra, viaja, ah é um arco-íris esta palavra, uma chuva, um rio, um mar, no cabo do mundo, Cape Town, atrás da montanha, ali onde não mora alma viva, pobre palavra estás perdida?

«Perder-se? Ah ah não, eu nado, ora! Olha! Tantas cores para as minhas penas!», grita a palavra da torre do cruzamento de Kinshasa, «percorri os caminhos dos Himalaias, rezei à Nossa Senhora do Rosário d'Asmara, e aqui estou para o que há-de vir, não consegues ainda me ouvir?» Ela iça-se, sinto-o, assenta sobre a mesa como uma pequena personagem, a palavra, ela ali está, ainda um pouco vaga, ainda um pouco triste, ainda um pouco longe, mas viva, caramba, viva!

De onde vens palavra?

De onde estou.

Aqui. Amiens. Étouvie.

E?

Tudo?

Vida?

Silêncio. Come-se. Todos, todas, à volta da mesa. A salada. A galinha. O arroz de açafrão. Tudo é silêncio. A palavra dorme. Sonha. Repousa. Dorme palavra, dó, ré, mi, ah esta palavra que musica nas nossas cabeças...

Olho para ela, eu, a filha das palavras, lá está a palavra, cansada. Esconder-se. Fugir. Abandonar. Onde estás, minha irmã, que fazes? Meu irmão, meu Príncipezinho, há quanto tempo não te ouço? Meu filho, sinto a tua falta, quando te voltarei a ver? Silêncios. Onde estão vocês, gémeos, gemidos, família. A pala-

vra chora. É tempo do chá, do café, das guloseimas. Um bolo.

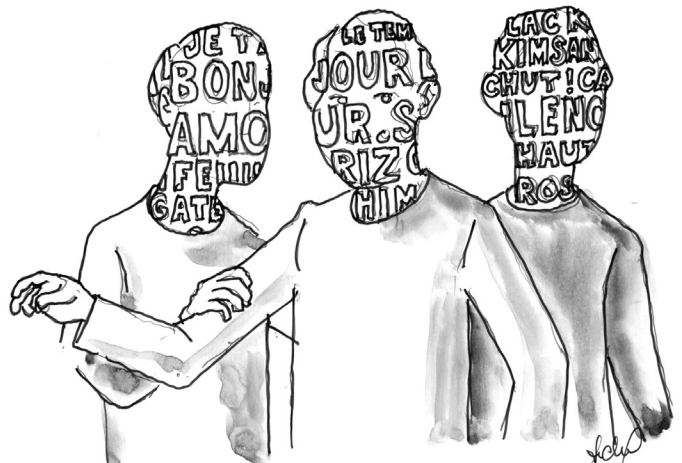
«De brócolos!», exclama a Maria.

Oh não, a Maria enganou-se na palavra, não é grave, entendemos o que ela quis dizer. O bolo é belo, o bolo é bom, não é preciso palavra. A palavra é brincalhona. Esconde-se no riso. É mágica.

«Clac» faz a língua no palato, é a canção de Khoi San: barulhos, sons, ritmo, é o flow, a minha vibração. Adeus, palavra. Volta mais tarde, precisamos de dançar, mexer, bater palmas, swingar, hop depressa, faz o café, o chá, o bolo, queremos agora seguir em frente. Agora, com toda a segurança. Dormir lá fora? Não! Condenada à morte? Não! Impedida de amar? Não! Ameaçada? Não! Soprar. Respirar. Ter esperança. Falar. É só isso que importa. Falar. Falarmos uns com os outros. Existir.

Toma, toma, já te disse, escuta a palavra à volta da mesa, que viaja, que se exprime, que conta, que só se conta a si, e tu, e eu, já não há papéis, nem escrita, nem canetas, nem palavras, só há ele, é... bum! Explode nas nossas cabeças a palavra montanha, a palavra rio, a palavra tecidos, a palavra pum pum, a morte nas nossas cabeças, a vida nas nossas veias, a palavra daqui, agora, a esta mesa: «olá, salamalécum, kamé, ahin, salam», a palavra que aprendemos em algum lugar.

Aqui dizemo-nos uns aos outros. A palavra de amor.



FORMATO «BILHETE POSTAL»

Cécile Hennerolles

com De Amal, Aude, Blandine, Catherine, Clémentine, Corinne, Damien, Delphine, Élodie, Fanny, Fatiha, Malika, Romain, Zouzou

tradução de João Pedro Bénard

ilustração
Tonton Ringo

Dantes eu era um escritor público. Isso significa que escrevia para aqueles que tropeçam nas palavras. As pessoas perguntavam-me: «Porque é que a France Travail não quer saber de mim?» E eu traduzia: «Minha senhora, meu senhor, tomei a liberdade de a/o contactar para solicitar a sua gentileza.» Uma profissão nobre. Mas, entre cartas de rescisão e postais de cobrança, acabei por desenvolver uma fobia administrativa. Doença profissional. Então, decidi especializar-me em bilhetes postais. É mais leve. E, além disso, permite-me viajar.

Os «Queira aceitar os meus respeitosos cumprimentos» foram substituídos por «Mando-te mil beijos num oceano de ternura». Não é exactamente o tipo de coisa que se escreveria na CAF!

Agora, dizem-me: «Quero que ela sinta que a amo. Mas sem o dizer abertamente. E, se puderes incluir uma coisa qualquer sobre gaivotas, dava-me jeito.» E eu escrevo: «Querida Mélanie, a Bretanha é fixe. Mas, sem ti, sinto-me como um crepe sem caramelo salgado. Até o guincho das gaivotas é diferente quando tu não estás aqui...»

10 x 15 cm. Pequeno formato, grandes emoções.

Escrevo para aqueles que querem dizer muito sem falar demais.

Para quem quer dar notícias: «Ganhar na lotaria é realmente incrível. Se vissem o hotel! E a vista sobre a baía! E, ainda para mais, nem sequer sou eu que vou limpar as janelas...»

Para quem quer receber notícias: «Avó, tens notícias do Ferdinand? Sinto falta das histórias dele.» Para aqueles que querem mandar um beijo ensolarado: «Beijos ensolarados de Saint-Tropez.»

Para os que querem dizer que chegaram bem: «Ufa! Finalmente em Sydney depois de mais de 23 horas de voo. Tenho as pernas inchadas como pneus Dunlop. Vou ter de ficar de perna estendida!»

Para quem precisa de dinheiro: «Querido Dédé, não te esqueças dos 3000 francos. Já não tenho carro. Tenho a renda para pagar. E o advogado também. Amanhã vamos ver um R6. É muito urgente!»

E até, às vezes, para fazer uma declaração de amor bem embrulhada: «Querido Jean, amo-te como uma carta registada com aviso de recepção.» (Esta era para um carteiro antigo).

No outro dia, decidi enviar um postal para mim próprio. Eu, que nunca recebo correio.

«Olá, campeão! Espero que estejas bem. Estou a escrever-te da cozinha, onde a vista sobre o frigorífico é impenetrável. Aproveito para te dizer que gosto imenso do que fazes. Fabricas sorrisos em modo frente e verso. Histórias tão belas como romances, em poucas palavras. É lindo. Beijos grandes na tua cara. PS: Não te esqueças de comprar açúcar...»

Recebi-o três dias depois. Quando o li, fiquei emocionado. Quase tive vontade de escrever uma resposta para mim.



VAL DE SELLE

Jean-Claude Lalumière (e Arthur Rimbaud)
com Emmanuel, Jean-Philippe, Julie, Maxime, Juliette, Eva

tradução de José Lima

ilustração
André Zetlaoui

«É um canto de verdura onde canta um riacho,
Prendendo loucamente às ervas farrapos de prata.»

Chega-se lá a pé (uma vez, porque não é propriamente na porta ao lado), de bicicleta (é melhor estar em forma), de motorizada (quando está bom tempo), de autocarro, de carro, a cavalo, de carroça puxada a cavalo.

É um canto de verdura onde o sol brilha, onde porcos, cabras e ovelhas, coelhos, galinhas e pavões, e até burros, vão preguiçar junto ao riacho escondido sob as árvores. Um leve murmúrio. Uma música até.

As ervas silvestres, aquecidas pelo sol do meio-dia, perfumam o ar que sobe do chão. Aquelas que as pessoas arrancam nos jardins despreocupadamente despertam aqui lembranças de piqueniques, de pescarias, de domingos no campo. As azedas, a consolda, o canabrás, a tanchagem, a bardana e mesmo as ortigas... Passamos por elas com cuidado para não as pisar. Para evitar sermos picados também. Mesmo os burros não lhes tocam.

É um canto de verdura ignorado pela modernidade. Por vezes, temos a impressão de que nada aqui mudou há vários lustros. Nem um cabo elétrico, nem uma construção. Há cem anos, era já assim.

Um leve estrondear ao longe. Um avião no céu. Tapar as orelhas é inútil e também teríamos de nos privar do canto dos pássaros. E então aguentamos com paciência. O silêncio acaba por voltar mesmo que não seja propriamente silêncio.

É um sítio que faz lembrar a Lusiana, em Itália; é um lugar que não se parece com nada a não ser com ele mesmo. Não lhe falta nada. A não ser os morangos. Eu levo os meus e tiro do saco uma

embalagem de gomas Tagada. Vermelhas como o nariz de um palhaço, como um botão de papoila, ásperas como lixa. Quando as esmagamos junto ao ouvido, fazem um ruído como de passos na neve, uma colher que mergulhamos no chantili. Se chegamos uma ao nariz, sentimos aromas como os dos automóveis criados por engenheiros químicos que nunca cheiraram um morango na vida.

Um palhaço, as papoilas, a neve, o chantili e um automóvel, cheiros que não existem na natureza... escapam-se em todas as direções, quando ainda há poucos minutos tudo era apenas tranquilidade e beleza... Depende de quase nada. É um sítio frágil. As minhas gomas são buracos vermelhos na paisagem. Volto a guardá-las.

No riacho, nunca se viu nenhum peixe, nem sequer às sextas-feiras.

Talvez estejam bem escondidos. Talvez não gostem do cheiro a morango químico.

Talvez seja já demasiado tarde.

É um canto de verdura onde nada é importante a não ser o momento presente. Uma andorinha levanta voo e sai dos estábulos. A Primavera é agora! Amanhã é outro dia.

Voltemos ao essencial. Afagar os cabelos, dar de comer às cabras, com o biberão para as mais pequenas, que o sugam gulosas como se fosse a última refeição da vida delas, e que depois disso não haverá mais nada.

É um canto de verdura de que não falam os jornais. Os jornalistas preferem os acidentes de viação e os assaltos. As más notícias têm mais espaço na imprensa do que as histórias belas.

Por isso, mesmo de carro, não há muita gente que venha aqui. E é muito melhor assim.





16, 17, 18 MAIO 2025

A Leitura Furiosa destina-se aos que, sabendo ler, estão zangados com a leitura – crianças e adultos, homens e mulheres, empregados e desempregados, portugueses e estrangeiros. A Leitura Furiosa é um acontecimento especial que acontece anualmente há vários anos em Lisboa e, ao mesmo tempo, noutras cidades. Uma delas é Amiens, em França, onde nasceu. Para a Associação Cardan, que imaginou a Leitura Furiosa e a trouxe até Lisboa, e para a Casa da Achada - Centro Mário Dionísio, o saber, as artes, a cultura devem ser acessíveis àqueles que deles normalmente são excluídos. A cultura pode e deve ser analisada por aqueles que habitualmente não a praticam ou pouco se ocupam dela. Por aí passa uma outra integração na sociedade daqueles que vivem com mais dificuldades e problemas vários, afastados dessa cultura. Que pode ser menos aborrecida do que às vezes parece.

A Leitura Furiosa dura três dias. É um momento especial: quem é (ou que a vida tornou) zangado com a leitura e a escrita, e até o mundo, encontra-se com escritores! É um momento único que permite a um não-leitor aproximar-se da magia da escrita, por intermédio de uma pessoa que escreve literatura. Cada um faz ouvir a sua voz e até pode seguir depois um novo caminho, ao descobrir pessoas, coisas, frases, palavras que têm a ver com a sua vida e podem fazer pensar. Em si e nos outros.

Alguns pequenos grupos de gente zangada com a leitura (entre 4 e 6 pessoas) convivem durante um dia (sexta-feira 16 de Maio), com um escritor. Almoçam. E continuam a conversar. À noite, o escritor escreverá em casa um pequeno texto, a partir do encontro, que oferecerá ao grupo com quem esteve, quando, no dia seguinte (sábado 17 de Maio), voltarem a encontrar-se, desta vez na Casa da Achada. Lê-se o texto, fala-se do texto, muda-se o texto. E os textos dos vários grupos são ilustrados por artistas plásticos convidados, à vista de toda a gente. Depois do almoço, em que zangados com a leitura, escritores e ilustradores se reúnem, todos os grupos poderão assistir a tentativas frustradas com a performance EU LIVRO, de Denise Stolnik.

No domingo (18 de Maio, às 15h30), os textos (os que vêm de França são traduzidos para português) são tornados públicos numa sessão de leitura em voz alta feita por actores, e alguns deles serão musicados e cantados. É distribuída uma brochura ilustrada, com os textos escritos nas várias cidades (Amiens, Lisboa e Porto), textos onde cada um, de uma maneira ou de outra, está: mesmo quem está zangado com a leitura pode entrar, querendo ou não querendo, na literatura que alguns costumam ler e que os zangados com a leitura poderão ler também.

E mais tarde nascerá disto tudo um livro, de dezenas de grupos, de escritores e ilustradores que às mesmas horas falaram, ouviram, contaram, perguntaram, responderam, leram, desenharam, em várias partes do país e do mundo. Coisas iguais e coisas diferentes.

Este ano em Lisboa

A partir de encontros entre escritores e pessoas da ARAL, Associação de Moradores do Bairro Horizonte, Conselho Português Para os Refugiados, Escola do Castelo e Escola Profissional Gustave Eiffel.

Textos: Alex Couto, José Mário Silva, Judite Canha Fernandes, Miguel Cardoso e Nuno Milagre.

Ilustrações: Catarina Sobral, Graça Santos, Maria Quintas, Matilde Feitor e Nadine Rodrigues.

Leituras: Inês Nogueira, Marina Albuquerque, Miguel Sopas e Pedro Carraca.

Música: Tsuki e Teresa e os seus mestres.

Organização



Apoio

